

# O Novo Horizonte

ÓRGÃO DE PROPAGANDA UNIFICADORA.

REDAÇÃO — RUA PEDRO TAQUES 83 — C.2 — S. PAULO

PARA SERES BOM NEGRO, SÊ CULTO — O FUTURO DE NOSSA RAÇA O EXIGE.

Diretor Aristides de Camargo	ANO I	São Paulo, Maio de 1946	n. 1	Redator—Chefe Aristides Barbosa
---------------------------------	-------	-------------------------	------	------------------------------------



Em Luís Gama, O Novo Horizonte presta homenagem postuma aos heróis da campanha abolicionista



ARISTIDES BARBOSA

Luís Gama foi um dos baluartes da campanha abolicionista do Estado de São Paulo. Devemos, porém, antes de vê-lo por esse prisma, observá-lo como o menino inteligente, nascido na Bahia; filho de uma mulher negra chamada Luísa Mahin e de um português nobre, e, que foi trazido para este Estado pela arida atração da escravidão.

Fôra vendido como escravo, mas graças à sua pertinácia e à sua intransigência (mesmo sendo um menino), conseguiu solapar a péssima situação de escravo e tornar-se, mais tarde, um homem completamente livre.

Ao chegar da Bahia para o hediondo mercado humano de Campinas, após ser recusado por um fazendeiro paulista; que logo leu o seu semblante e conheceu a sua modéstia, foi comprado por um outro, mineiro, para que o menino baiano ficasse como servo do seu filho, que então era estudante da Faculdade de Direito de São Paulo. Foi daí que advém a oportunidade para que Luís Gama reunisse a sua pertinácia e a sua intransigência à boa vontade e fizesse uma trindade de virtudes capaz de guindá-lo muitas vezes acima da mísera escravidão. Foi assim que a campanha abolicionista pôde ganhar um lutador negro, advogado e poeta. Como advogado, não se esquecia um só instante a causa da negra. Como poeta, eram exatamente o sofrimento e a humildade dos elementos de sua raça, a fonte de suas inspirações:

"Qual na rama enlanguescido"  
Pudibundo, sensitivo,  
Suspirando ela murmura:  
Ai, senhor, eu sou 'cativa

Em outras poesias ainda, a alma de Luís Gama se mostra altamente revoltada contra os cruciantes tratamentos dados ao negro:

"Aqui não vem rasteira a vil lisonja"  
Os feitos decantar da tirania  
Nem ofuscando a luz do sã verdade  
Eleva o crime, perpetua a infâmia

Foi nessa incessante pugna, justamente quando impulsionava a massa negra a homiziar-se no quilombo do Jaboaquara, justamente quando se comunicava estreitamente com Patrocínio, Nabuco e outros grandes valores da campanha que se desenvolvia em todo o Brasil, que a morte veio tolher-lhe a existência, sendo sua obra prosseguida pelo sincero batalhador Antônio Bento. Luís Gama foi o exemplo frisante do poder da boa vontade, e, sobretudo, o homem que demonstrou claramente que ser homens negros não quer dizer ser homens inferiores. Foi o homem que sacrificou toda a sua vida para traçar um caminho para o negro, e que nós, por negligência não o temos seguido.

## Eis aqui uma concretização...

IVIDIO P. SANTOS

Iniciamos agora abertamente, uma luta que de há muito alimentamos em nossos corações: o desejo de unificarmos e de nos salvarmos dessa terrível ecatombe da qual vimos sendo vítimas. Urge que nos unifiquemos em torno de um só desejo, e, de um só ideal não para nos separarmos dos outros, que também são brasileiros, mas para repararmos os nossos problemas, inclusive reclamarmos os direitos que a lei nos facultam, mas que talvez devido à nossa escuridão negra, somos quase sempre esquecidos. "E... não há preconceito de raças no Brasil?"

Para incentivar mais e mais, especialmente a mocidade, que serão os homens de amanhã, resolvermos, embaraçando semoços também e, talvez até carecedores de incentivos e orientação, fundar este modesto jornal que bem exprime a nossa boa intenção. É nosso grande desejo, chamar os nossos irmãos de raça a zelar pela nossa parte moral, intelectual e econômica, porque estes fatores constituem a base sólida da vida de um povo. Precisamos ainda, saber dirigir os nossos corações sempre dentro de um princípio de um verdadeiro altruísmo, para que tenhamos uma rota certa a seguir na vida. Estes, repito, foram os grandes motivos que nos levaram a pôr a lume este jornal, dirigido por jovens bem intencionados, côncios de seus deveres. Lançamo-lo. Mas a sua vida dependerá agora, do esforço comum da gente negra. Precisamos da colaboração de todos, mormente da massa estudantina negra; uma vez que essa colaboração se faça sentir no sentido de melhoria racial à raça. Não pretendemos outra questão política à não ser esta: — erguer o negro do fundo da miserável situação em que se acha. Assim, esperamos que este jornal vá encontrar perfeito acolhimento no seio da raça negra, porque não pretendemos que ele seja uma propriedade nossa, mas do negro em geral...

# Explanação de motivos

A. DE CAMARGO

Um jornal a mais... Outra tentativa... E fica acrescido o número de intenções concretizadas no sentido de se fazer alguma coisa pelo soerguimento da Raça Negra. Problema complexo, atualmente é estudado por uma pleiade de elementos de cor, que esperam, com o seu acerto, predeterminar um superior nível geral de vida para os negros.

Associações, forçoso é reconhecer, ainda não há suficientes, para congregar toda essa massa humana laboriosa e inquieta, peça imprescindível desse grande mecanismo que é o Brasil, porém, si considerarmos a desunião que sempre os caracteriza, fazendo-as parecerem até organizações de raças diferentes, chegaremos à conclusão de que, para esse resultado, o seu número já é suficiente.

A palavra UNIAO, de há muito que faz parte no vocabulário dos homens de cor e eles, por "nie dá cá essa palha", em pregam-na com constância, mais oralmente. Chegado é o momento de se remover dos discursos bombásticos e artigos bem revistados dos nossos poucos jornais essa palavra, para figurá-la num pedestal erigido pela confiança mútua que deve reinar entre os negros, como símbolo da sua perfeita compreensão de fraternidade, no anseio comum do advento de dias melhores.

Daf, a idéia surgiu entre um grupo de jovens, de se fundar um periódico, por meio do qual se pudesse fazer companhia cerrada em prol da união completa dos núcleos já existentes. Uma construção, para sua própria solidéz, necessita de algamassa forte, e, algamassa, no nosso caso significa união.

Se temos os tijolos para nossa casa, embora pequena, é mister que a construamos de molde a resistir à varagem dos tempos e aos ataques dos inimigos que, gratuitamente se propõe a menosprezar realizações cujo valor elles, por si, não conseguem aquilatar, ou então, assim agem porque puderam aquilata-las convenientemente.

"Novo Horizonte", o periódico em questão, não se propõe reformar essa idéa sem cobalismo. Lavantaria celestina. Isto não é o que desejamos. Mas se nossos pensamentos não estiverem povoados de paixões partidárias ou facionistas, chegaremos à conclusão de que, na Raça Negra, não há o que reformar e sim construir. O passado nos legou ótimas idéas e boas lições mas tudo fóra construído sobre areia. Hoje, conhecemos o terreno em que pisamos, e, já não nos sobra tempo para errar. Aproveitemos os ensinamentos, juntemos-las às nossas idéas, para que surja aí qualquer coisa forte e insubstituível, capaz de varar milênios e que garanta às nossas gerações futuras a proteção de que elas carecem.

Estamos na época das realizações práticas. E as Sociedades Anônimas são exemplo flagrante da evolução do sistema associativo, pois, levam grande vantagem sobre outras modalidades de associações. Permitem maior capacidade de ação e não se acham cingidas a uma série de restrições impostas às demais, podendo locomover-se depois de um determinado tempo, aquilo que é o sonho de facilmente dentro de um ambito considerável e, permitindo, qualquer agremiação social: construções.

Falando em construções, nós, os negros, loaz entendemos: escolas, hospitais, etc., cuja necessidade, para nós é das mais prementes, devido as circunstancias que todos conhecem.

"Novo Horizonte" pretende ser, futuramente, uma instituição que honre os negros. Converter-se-á por certo, numa grande edificação cujos alicerces estarão firmados

numa Sociedade Anônima, aliás em organização, cujo nome é o mesmo dado ao jornal. E a intenção é: construir escolas e um hospital. Porque? Porque precisamos. Conseguiremos? Sim, se tivermos a nunca diante tão desejada união entre os negros.

Sim, por que sozinhos nada conseguiremos, e nem nos assoberba o isolacionismo. Disse Ruth Benedict em, "As Raças da Humanidade" que, o medo é o responsável pelo preconceito entre as raças. Parece ser verdade porque um medo, um verdadeiro pânico, estabelece o preconceito entre o próprio negro. É necessário se desvenchar desse complexo, que impedia à smentes sóas um trabalho honesto e eficaz no sentido de julgar aqueles que se propõe arringimentar forças para defesa coletiva da Raça.

Praza aos ceus, "Novo Horizonte" seja bem recebido. Levarei um pouco do negro para o próprio negro, o receberé, com alegria, tudo que far do negro e pelo negro. Se nos compreenderem venceremos logo. Ao contrário, continuaremos lutando até o dia em que tal contrêção para então proseguiremos, irmanados na concretização de nossa ideal comum.

## Pequenas aberrações da adaptação do homem ao meio

JARBAS DOS SANTOS

É comum lermos em artigos lançados em jornais e revistas de iniciativas de gente de cor, conceituações revestidas de pessimismo tenebroso em relação ao negro brasileiro.

Realmente, a situação do negro do Brasil não é lá de causar animo. É simplesmente calamitosa. Quer seja no terreno econômico, científico, artístico ou em qualquer terreno em que se conceitue o progresso do elemento humano. Contudo a que nos causa maior arrepio é o fato de a situação do negro ser apenas de continuidade e não de contiguidade do elemento considerado branco a sociologia acionai. Relação essa aqui feita que não se cre contestável pelo mais estudioso sociológico.

Deante de ardorosas premissas, não vejo motivo para o desperdício de esforço de imaginação em análise quando se deseja fazer um estudo sociológico do negro no Brasil.

A situação do primeiro elemento, aqui considerado, é tão desalentadora quanto à situação deste último. O brasileiro, brasileiro propriamente dito, não é o individuo que por uma simples questão de praxe legal, consideramos brasileiro. No presente caso, é o filho do italiano, do português, do espanhol, do sírio, que vêm aventurar na América Latina. E, de modo algum pode ser o filho do anglo-saxão que vem administrar seus bens, empresas, cujas sedes acham-se instaladas nos suas grandes metrópoles, participantes tradicionais da vida econômica do país.

O brasileiro aqui abordado, é aquêle individuo que compõe o cerne da nacionalidade cuja impregnação se verificou através de 4 séculos. É aquêle elemento que quando residente no interior do país mora em casa de "pau a pique", coberta de sapé e chão batido, sem o mais elementar esboço de instalação higiênica. Habitação que pode ser considerada, sem receio, a mais antiquada possível, pois data de 400 anos. A sua alimentação é a mais primitiva que se possa imaginar. Em consequência, a falta de instalação, habite adequado e alimentação sadia, não

estante a exuberância do solo, reduziam no depauperamento constante da espécie. Fisicamente o declínio se verifica, refletindo desastrosamente no espírito, embrutecendo-lhe a alma, impedindo-lhe o progresso do gênio inventivo na conquista das riquezas naturais do nosso latúxio país. O amarelão e o impudismo fazem sucesso.

Não se suponha que, o aqui ventilado seja apenas em referência ao desgraçado "jeca-tatu". As considerações ventiladas circundam também o dono da grande gleba, o "coroné", o "sinhô de engenho", o antigo proprietário de negros.

O procedimento deste, torna-se até asqueroso. Asqueroso sim, porque apesar de também ignorante lê um pouco, ouve, de-vez-em-quando o rádio, consulta o Sr. Vigário, aos Domingos, frequenta com mais assiduidade o templo, onde assiste às solutares pregações do pároco. A sua consciência, contudo obscura, viciada no radiô, facilmente mal impressionável por idéias novas, é mais lucida que a do "jeca-tatu". Tem consciência do progresso, da modernização da lavoura, da mecanização da agricultura, da policultura em grande escala, da racionalização do trabalho. Está claro, que isso tudo, de modo "mirim, pois trata-se do um "coroné", mas o que seria suficiente, como prelúdio, para uma revolução na economia rural do país se possuísse desprendimento, boa vontade e honestidade. Mas não, nada disso se verifica. Ele é remisso, tem afobia pelo progresso, joga com malícia no trato com seus infelizes camaradas. Pretende roubar ao camarada o que ele nunca possuiu e não possui, a disposição para o trabalho.

Em virtude de sua tremenda inércia, vê constantemente, de modo escorregadio, a passagem de suas riquezas, fazendas etc. para o domínio do asstêta estrangeiro, o qual lhe ganho dia, a dia terreno.

Falemos agora sobre o elemento da cidade, o cidadão. Aquele indivíduo que nas pequenas cidades vai à missa aos domingos, nos dias Santo de guarda, acompanha a procissão com esporádica fé, faz a sua fezinha no jogo do bicho, o que segundo notícias os jornais, por decreto do Sr. atual Presidente, acaba de lhe ser vedado também esse direito, de, no terreno econômico ludibriar o espírito. Quando político, é o chefe político ou Prefeito.

Péssimo político, colocando sempre seus interesses acima do interesse coletivo. Isso já se considerando o elemento do asfalto, da grande metrópole. Esse elemento contraria um pouco o critério religioso dos cidadezinhos do interior, pois é, às vezes, hereje, aprecia um bom carnaval, o "futebol". Nas campanhas políticas tem grande facilidade em traçar planos fantásticos, não realizando análises devidas e prévias para a sua realização. Falta-lhe ressonância entre o juízo subjetivo e o objetivo. Resultado: Nunca cumpre o que promete.

Quando intelectual, péca por excesso de teorias, nunca um técnico, mas sim possuidor de recheado cultura metafísica, ornada de um arcaico e embolorado classicismo. Se é chefe, Diretor de Secção, a injustiça lhe aflora o crâneo, não tem consciência de suas atribuições, não sabe escolher seus colaboradores, consequentemente lança desilusões entre seus bons colaboradores, os quais acham-se sempre colocados em planos secundários.

No Parlamento, em tremendo vazio, batalha por dor o País de uma democracia platônica, cujos malefícios não se faz esperar; desorientação do povo, falta de produção. Consequência, evasão de nosso ouro na aquisição de produtos estrangeiros, causando infração de nossa moeda.

Na economia das grandes cidades, em virtude do seu grande médo e aversão aos empreendimentos, nunca é o pioneiro, nunca um industrial de pulso ao comércio arrojado. Recua apavorado para a sua toca que nesse caso é

## CANÇÃO DA MÃE PRETA LINTO GUEDES

(Inédita, especial para "N. H.")

O Brasil eu carreguei,  
e para ôle cantei,  
as mais formosas canções.  
Nelas se via o saci,  
saltando daqui p'ra ali  
fazendo atropalhções.

Na beirada do fogão  
esquecia Pai-Joo,  
o seu pito conselheiro.  
O saci lépido e enchieu  
com pólvora e então partiu  
assovando, prazemeira.

Era assim que adormecia,  
o torróo que me queria  
e à minha gente também,  
só pelo nosso trabalho  
sem nos dar um agasalho  
um só conforto, um só bem

## COLOMBO, FECHA AS PORTAS DOS TEUS MARES...

J. A. MELLO

Todos sabemos que a base do nosso progresso, bem como de outros países do mundo, dependeu exclusivamente dos braços africanos.

Em nosso país, o negro fôra vítima do execranda regime escravocrata durante cerca de trezentos anos, sendo por fim, tal regime combatido tenozmente por muitos homens que desejavam ver sua pátria livre de tamanha hediondez.

Após muitos esforços, a princípio individuais, formaram uma cadeia de abolicionistas, entre os quais figuravam elementos da tribuna, jornalistas e literatos, que com não poucos esforços, conseguiram a abolição da escravatura a 13 de Maio de 1888, com um decreto da princesa Izabel, que então substituiu seu pai, no trono.

Essa abençoada lei chamada Lei Áurea, veio coroar de êxito os grandes esforços daqueles homens, sobretudo de Castro Alves — o poeta das Américas — que vinha, num trabalho de sublime poeta e incansável lutador, escrevendo lindos poemas, como "O Navio Negroiro" (Tragédia em alto mar), Vozes d'África, Cruz da Estrada e muitos outros, sendo cada um dêles, uma nítida revelação das tristezas da alma do negro, e, seu grande anseio por ver extinta a escravidão. Cada estrofe d'"O Navio Negroiro", é um grito de Castro Alves contra a tirania que massacrava o negro.

Assim, no auge de sua impaciência, chegou a pedir que Colombo fechasse as portas dos mares...

"Fatalidade atroz que a mente esmagou"  
Extingue nesta hora o brigue imundo  
O trilho que Colombo abriu na vaga,  
Como iris no pélagro profundo!  
Mas... é infâmia demais!... Da etérea plago  
Levantai-vos, heróis do Novo-Mundo!  
Andrado, arranca êsse pendão dos ares  
Colombo, fecha as portas dos teus mares!"

a Repartição Pública; não se importando com a natureza do cargo no qual é investido, contanto que não haja necessidade de preocupações de luta pela vida. Dai, a não existência do capital nacional, o grande capital imprescindível à nossa Pátria.

Eis aí o que é o Brasil, fazendo obstração do misero negro.

# CULTURA : Horizonte encantado, sim ; mas inatingível pelo negro, nunca.

## UM FATO DIGNO DE NOTA

Já em meado de novembro último, ouvia-se animadíssimos rumores de que a Associação José do Patrocínio faria realizar -- como nos dois anos anteriores -- uma festa de formatura, de mais uma turma de moças que concluiu eficientemente o curso de corte e costura de sua escola.

Durante todo o mês de dezembro verificaram-se cuidadosos preparativos, pois que nessa altura, já se havia designado para dia 26 de janeiro a sua realização. Eu que ainda não tinha assistido a nenhuma das precedentes, vá-me a aguardá-la com desmedida safoleguidão e, não me podia sentir de outra maneira, em se tratando de uma festa daquele caráter, sobretudo, sendo promovida por uma escola pertencente a uma associação de negros. Seria bem a concretização de uma parte importantíssima do todo o que aspiramos. Seria, ainda, a colheita de uns frutos perfeitamente sazonados, do grande sacrifício com que um pugilo de negros vem lutando, sem o menor vislumbre de arrefecimento, no sentido de conseguir o levantamento moral e intelectual da negra brasileira, cuja apatia, constitui uma franca incompatibilidade com a agigantada marcha com que o Brasil procura se pôr em plena ombridade com as mais adiantadas nações do mundo.

As nossas reivindicações, bem como as nossas conclusões a esse levantamento moral e intelectual da negra, não pode ser, de nenhuma maneira encorajado pelo prisma errôneo de quistos perturbadores da harmonia do país. Acreditamos que os cidadãos brasileiros, não só nos momentos alitivos, em que temos que arrostar a metralha do inimigo na defesa da integridade de nossa Pátria; mas sempre e sempre. É sob esse ponto de vista que muitas sociedades negras se batem, tentando fundar escolas, assistências médicas e muitos outros patrimônios benéficos para o negro, mas provando sempre os dissabores do fracasso, graças ao terreno balofo em que pisam. Por conseguinte, o empreendimento da Associação José do Patrocínio, é merecedor dos mais altos louvores, por ter conseguido ela, passar sobre todos os obstáculos que se lhe tem deparado; conseguindo até, colher alguns frutos do seu desmedido sacrifício. O dia 26 de janeiro chegara enfim. A minha chegada ao local da realização da festa, já se notava um ambiente transbordante de alegrias e indefinível distinção, constituindo o que há de mais pomposo no seio da raça negra do Brasil. As 21,30 horas, teve início a sessão com o discurso do presidente da Associação. Em seguida, em ordem, falaram uma das formandas em nome da turma, a professora da escola e o paraninfo, dr. Arlindo Veiga dos Santos, que relembrou em seu discurso, relevantes tópicos da Frente Negra Brasileira. A Frente Negra Brasileira -- disse o paraninfo -- desapareceu das nossas vistas, mas vive ainda em nossos corações. Salientou os frutos que estamos colhendo agora; ainda das muitas sementes semeada por aquela benemérita sociedade. Procedeu-se depois a entrega dos diplomas, e, finalmente o sr. Esmail do Amaral, digníssimo secretário da referida Associação, pronunciou vibrantes palavras às demais associações que se achavam presentes, demonstrando um verdadeiro sentimento de solidariedade. A existência desse sentimento de solidariedade foi mais frisantemente comprovada, com a participação do Grupo Dramático Jabaquarina, que, à guisa de homenagem, exibiu no palco um interessantíssimo programa artístico.

Para finalizar aquela noite, em que em cada semblante transverberava uma tonalidade de inenarrável alegria, saguiu-se um baile que se prolongou até às quatro horas da madrugada. Confesso que nunca mais me esquecerei aquela noite. Por isso, ainda que um pouco tardiamente sirvo-me desta primeira edição do "O NOVO HORIZONTE" para externar aos diretores da Associação José do Patrocínio as

## ANIVERSÁRIO

### De Campinas

Dia 22 de Março p. p. -- A srta. Leonor Rodrigues vovô do sr. Cid Severino do Nascimento, esforçado membro do "O NOVO HORIZONTE".

Dia 3 de Abril p. p. -- O menor Geraldo José Fogliarini; Dia 5 de Abril p. p. -- A menor Geisa Jesus Fogliare, Diletos filhinhos do sr. Bernardino e de dona Guaraciaba Fogliarini.

### De Santos

Dia 23 de Maio -- A srta. Ernesto Prossidonio da Silva, filha de dona Eufrausina Prossidonio de Oliveira, que também faz anos no proximo dia 24 de Maio, sogra do sr. Florão alto funcionário em Santos.

Dia 29 de Maio -- A srta. Maia Scaffi, esposa do sr. Ary Scaffi, funcionário da Cia Docas de Santos, que também fez anos 6 de Abril p. p.

### De São Caetano

Dia 11 de Maio -- O menor Teodoro Severino do Nascimento.

Dia 16 de Maio -- O sr. Cid Severino do Nascimento, funcionário da E. T. Av., diletos filhos do sr. Teodoro Severino do Nascimento, guarda sanitário já falecido e de dona Olinda R. do Nascimento.

Dia 22 de Maio -- A srta. Helena de Cassia Texeidor filha do sr. João de Lourdes Teodoro e de dona Maria do Conceição Teodoro, noivo do sr. Milton Severino do Nascimento funcionário da E. T. Av.

Dia 23 de Maio -- A srta. Herculina Iree Spolidorio, filha do sr. Alexandre e de dona Tereza Spolidorio.

Dia 29 de Maio -- O sr. João José Pires, funcionário das Industrias DAlmas Cin Irlao.

### De Paulo

Dia 15 de Abril p. p. -- O sr. Alberto Silva, funcionário da Cia. Sul América de Seguros.

Dia 28 de Abril p. p. -- A srta. Mercedes da Silva (Mocita) irmã do sr. Alberto Silva.

Dia 15 de Maio -- A srta. Maria de Lourdes Pereira.

Dia 19 de Abril p. p. -- O sr. Valdomiro Luiz Machado, Vice-Presidente do Novo Horizonte.

Dia 20 de Maio -- O sr. Ivo Roberto Pereira.

Dia 21 de Abril p. p. -- O menino Jorge Barbosa, filho do sr. Antonio Barbosa e d. Antonia, sobrinho de Aristides Barbosa, redator-chefe do "Novo Horizonte".

Dia 4 do corrente -- Geraldo de Oliveira (o popular Geraldino do Clube Atlético Corações de Bronze).

Dia 6 do corrente -- Senhora Maria A. Santos Fabiano, esposa do sr. Francisco Fabiano e irmã de Ovidio Pereira dos Santos, digno tesoureiro do "O Novo Horizonte".

Dia 14 do corrente -- Srta. Olga Brito datilografa auxiliar do "O Novo Horizonte".

Benedita Andrade, filha da senhora Luizinha de Andrade, irmã das distintíssimas senhorinha Antonia de Andrade e sra. Maria de Lourdes Andrade e Conceição Andrade.

Aos aniversariantes, apresentamos: os nossos votos de felicidades.

## ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO

Transcorrerá no próximo dia 31 do corrente, o aniversário de casamento do felicíssimo casal: Querino Felix e d. Ercilia, residentes à rua Pedro Taques, 83, casa 5.

Ao casal desejamos muitas felicidades.

minhas mais sinceras congratulações e ardentes votos de francos progressos.

ARISTIDES BARBOSA